

**Departamento de Geografia**

## **DESVENDANDO O ÍNTIMO ESPAÇO DA MODA DE NOVA FRIBURGO E REGIÃO**

**Aluno: Michell Douglas Alves da Costa**

**Orientador: Regina Célia de Mattos**

### **Introdução**

As transformações na organização da produção e na gestão da divisão do trabalho, ao longo dos últimos quarenta anos, promoveram profundas mudanças na organização das empresas, em seu dimensionamento, em sua localização, na qualificação do trabalho, mas, também, expandiu formas antigas e precárias de trabalho, travestindo-as.

Junto com o aperfeiçoamento tecnológico, tais mudanças podem ser visíveis na logística organizacional através do processo de terceirização. Nos países centrais, a terceirização corresponde, mais sistematicamente, às relações de parceria entre contratante e contratado com vistas aos ganhos de competitividade e de qualidade enquanto que no Brasil, tal processo vinculase, majoritariamente, à redução de gastos com o trabalho. Ganhos de competitividade e de qualidade também significam redução de gastos com o trabalho, tanto que há uma crescente participação do trabalho em tempo parcial, o trabalho domiciliado, como indica [5,6], entretanto, não envolve um contingente de pessoas tão grande como ocorre em nosso país.

A expansão da terceirização é a expansão das atividades terciárias e, no nosso caso, esse setor sempre foi muito dimensionado devido às condições das estruturas social e econômica que alijam, do mercado formal, uma imensa parcela da população que se vê obrigada a utilizar expedientes de sobrevivência extremamente precários, de muito baixa remuneração. Nosso setor terciário apresenta forte participação de atividades consideradas informais como camelôs, biscateiros, lavadores de carros, flanelinhas, costureiras a domicílio, dentre outras, que embora reconhecidas como atividades “improdutivas”, possuem importante papel no processo geral de acumulação, já que seu baixo custo de reprodução significa manter baixos custos de reprodução da força de trabalho: os salários [10,11].

O trabalho de costura, em domicílio (predominante em nosso objeto espacial), sempre representou importante papel na reprodução da família realizada pela mulher, pois significa “reparar” a peça de roupa, baratear essa necessidade básica, e, ao mesmo tempo, um expediente

de complementação da renda familiar. Visto como uma forma pré-industrial, portanto, arcaica de trabalho, adquire, hoje, novas roupagens. As novas tecnologias permitem que as relações de trabalho não estejam confinadas em um mesmo lugar, podendo realizar-se no domicílio, como ocorre nas atividades ligadas à informática, telemática ou na geração de produtos sofisticados. A reprodução atualizada do trabalho em domicílio requer novas demandas de qualificação, infraestrutura tecnológica e capacidade de iniciativas que configuram um quadro aparentemente de melhores remunerações e maior autonomia do trabalho “sem patrão”. O trabalho em domicílio, quando integrado às tecnologias informatizadas, possui maior fluidez espacial devido aos fluxos de informação que o colocam diretamente em múltiplos “espaços”, para além do domicílio, contrariamente ao trabalho realizado pela mulher em seu lar, fruto da experiência familiar e habilidades desenvolvidas.

### **Objetivos**

As formas identificadas como mais tradicionais que permanecem na residência, integram as atividades do cotidiano já que ele é realizado, predominantemente, por mulheres que cuidam do lar, dos filhos e do trabalho, portanto, um espaço mais restrito, com múltiplos usos, integrados na mesma escala: a casa. É assim que se organiza o espaço produtivo de moda íntima do bairro de Olaria, da cidade de Friburgo, no município de Nova Friburgo, nosso objeto espacial de análise que revelou uma organização do trabalho pouco revelada nosso campo científico.

A feminização do trabalho é uma realidade e tema constante de pesquisas [1], entretanto, o trabalho doméstico realizado dentro do lar, articulado com o trabalho em domicílio, não tem merecido a atenção devida diante da importância que representa tanto na reprodução da vida, da força de trabalho, como na produção, geração de renda que garante, mesmo precariamente na maioria das vezes, as condições da própria reprodução. Nesse sentido, nossa análise objetiva, através do trabalho em domicílio, articulado com o doméstico, do “lar”, interpretar o arranjo produtivo de nosso objeto espacial, o bairro de Olaria.

O município de Friburgo concentra a produção de moda íntima da região que é considerada a maior do país. Sua expansão ocorreu a partir dos anos de 1980, período de grandes dificuldades enfrentadas pelo país, que promoveu o fechamento de inúmeras indústrias da cadeia têxtil, desempregando grande parcela do operariado local. A saída para muitas famílias sobreviverem foi produzir moda íntima, domesticamente, sendo o trabalho em domicílio, portanto, um dos conteúdos da forma que esse espaço hoje possui.

### **Metodologia:**

Partindo do pressuposto que o processo de desenvolvimento capitalista organicamente articula a denominada economia formal, circuito superior com a informal, circuito inferior [14], nossa pesquisa tem demonstrado que o arranjo produtivo do bairro de Olaria, predominantemente organizado pelo trabalho informal, em domicílio, articula-se com a esfera da produção e circuitos formais, que organizam o espaço concebido denominado “Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região”.

O arranjo espacial do bairro de Olaria possui duas escalas de produção: a das indústrias formais e das informais [13]. As indústrias formais são aquelas denominadas por [12] de lojas-fábrica, na medida em que a produção está nos fundos ou no sobrado da loja. As informais estão distribuídas pelas casas que tanto têm fabricação “própria” como, também, a produção terceirizada. A presença da informalidade constitui armaduras, bloqueios ao seu acesso, tornando

esse espaço um território demarcado, também, por poderes não visíveis, sendo a produção, a sua expressão concreta.

O trabalho em domicílio, predominantemente feminino, permite a articulação do espaço da vida, da reprodução, e o do trabalho, da produção, territorialidades integradoras desse híbrido espaço. Embora prevaleçam as relações de vizinhança e de parentesco na arregimentação do trabalho, permanecem precárias as suas condições, ocorrendo diferentes formas de exploração nessas relações: nos baixos níveis de renda e nas condições de trabalho e ser condicionado e condicionar as tarefas domésticas.

O bairro de Olaria insere-se em um espaço concebido denominado Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região e participa de estratégias que visam criar, no “meio” local, condições para que seja integrado mais efetivamente ao mercado internacional. As iniciativas partiram de interesses empresariais expressos na FIRJAN e no SEBRAE que têm, particularmente no segundo, ações dirigidas para micro e pequenos negócios.

O surgimento desses interesses foi inspirado nas experiências dos distritos industriais italianos, referenciais de organização de micros e pequenas empresas constituídas, historicamente, por uma trama de relações sociais, econômicas e políticas, definidoras de uma representação espacial territorializada. Para alguns autores, os distritos emergem no cenário mundial, projetando formas de organização ancoradas no território que possibilitam, nas escalas locais, os interesses da escala global. Recorremos a [7] para contextualizarmos as reflexões sobre o espaço produtivo de moda íntima representado como Pólo de Moda Íntima de Friburgo e Região.

Múltiplas iniciativas objetivaram criar condições locais que favorecessem as mudanças necessárias para articular o espaço produtivo ao mercado mundial. A primeira delas foi com a inauguração, em 2002, da Plataforma Tecnológica da Cadeia Produtiva de Moda Íntima de Nova Friburgo (2005) que se constitui em um foro onde se identificam os chamados gargalos tecnológicos e articula ações para superá-los.

Outras iniciativas de capacitação ocorreram com a implantação de um Centro de Formação Profissional e Transferência de Tecnologia para a Indústria do Vestuário da cidade de Nova Friburgo (2005), voltado para a qualificação da mão-de-obra e a implantação do Projeto de Extensão Industrial Exportadora (PEIEx, 2005) que visa apoiar e promover uma cultura exportadora empresarial, intermediando as relações locais-globais. Acreditamos que o coroamento das prioridades ocorreu com a escolha do Pólo para integrar o Programa de Inserção de Municípios no Comércio Internacional, o ExportaCidade (2005).

Essas estratégias correspondem àquelas relacionadas por [7] para constituir o território, em meio inovador. A dimensão territorial perpassa por todas essas iniciativas, na medida em que são ações articuladas em espaços produtivos que configuram arranjos produtivos locais, forma territorializada por pequenas e médias empresas que estabelecem relações formais e informais e com as instituições envolvidas. O Pólo, portanto, é um arranjo produtivo local, espaço maquiado do trabalho informal.

## Conclusões Preliminares

Não é preciso perguntar quem será beneficiado com tanta atenção. O discurso dos arranjos produtivos locais está voltado para a empresa, os poderes públicos e agentes locais. Embora o SEBRAE justifique suas ações como reorientação de abordagem centrada na consultoria empresarial da firma, para incorporar dimensões variáveis e externas aos negócios [2], seu foco, agora, é o conjunto de empresas, onde os custos são socializados.

Vimos em outro momento, pelos dados do [13], que o Pólo é constituído por micros e pequenas empresas, predominantemente informais (63,9%), mesmo aquelas identificadas como formais, devido às condições da organização, pouco faturamento e baixa qualidade do produto. Assumimos, embora não tenhamos conseguido gerar nossos dados primários, mas apoiados por consistentes referências indicadas ao longo de nossa pesquisa, as características gerais que apresentam as empresas informais.

Chamamos a atenção de que estudos elaborados sobre o Pólo [3,4] convergiram para constatação da pouca capacidade gerencial e profissional das confecções, portanto, dos limites de inovar métodos e gestão produtivos. As iniciativas indicadas são no sentido de reverter esse quadro de dificuldades das empresas que podem arcar com os custos da “modernização”. A modernização, ou melhor, a (re)articulação de dimensões estruturais do metabolismo do capital, é um processo seletivo devido à sua natureza concentradora, portanto, não é para todos, mas todos fazem parte dessa lógica expansionista [14]. O espaço de moda íntima do bairro de Olaria faz parte dessa lógica contribuindo, com baixa remuneração e longas jornadas de trabalho, para a construção da imagem do maior pólo exportador de moda íntima do país. O avesso da imagem da moda íntima é a mulher que trabalha que arremata como laços, a duplicidade de sua casa: espaço do uso e da mercadoria.

O trabalho em domicílio integra o denominado espaço da produção e o cotidiano da família, o espaço da reprodução, sobrepondo-os, intercalando múltiplas práticas, evidenciando ser o espaço, um híbrido [15]. No entanto, “a casa”, o “lar” é qualquer espaço? Para Yi-Fu Tuan, [9], o lar, o lugar, são conceitos fundamentais em sua obra. Partindo do mundo vivido fenomenológico topofílico, o lar é um centro pleno de valores e aspectos familiares indissociáveis, assim como de evocações que permitem a pessoa “sentir-se em casa”. Mas o que é o lar, pergunta o autor? “É a velha casa, o bairro, a cidade ou a pátria, [...] uma infinita e complexa rede de sentimentos e entendimentos a propósito dos laços que unem os homens a “seus” nichos de proteção e convivência”.

Por sua vez, [8] analisa as múltiplas dimensões que podem representar, hoje, os lugares, diante do fenômeno da compressão espaço-tempo, fruto da expansão de vetores tecnológicos que ao aproximar os lugares, transforma o sentido do “lugar”. Se a aceleração da reprodução do capital coloca os lugares, ao mesmo tempo, em múltiplas escalas, o (des)(re)constrói permanentemente, isto é, suas práticas sociais. [8] chama a atenção dos limites das análises que se concentram apenas ao nível econômico para interpretar a dinâmica do lugar, pois obscurecem outras dimensões configuradas por outros agentes sociais, como o cotidiano dos indivíduos, particularmente das mulheres, que sofrem, com mais frequência, as restrições promovidas pelo processo metabólico do capital.

[8] também observa que a fluidez da informação, do “movimento”, promove uma diferenciação espacial, o que denomina “geometria do poder”, a partir do posicionamento dos diferentes grupos sociais diante desses fluxos e interconexões, propiciando, para alguns, um

aprisionamento espacial, ao contrário de outras interpretações que vêem o lugar um espaço restrito, desconectado de fluxos mais distantes.

Essas duas interpretações sobre o lugar, como o espaço da vida - vivido, concebido, mítico, sagrado, transitório ou eterno [9] ou como uma espaço hierarquizado, múltiplo e , ao mesmo tempo, singular pois a especificidade do lugar “deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com os locais” [8], nos indicam possibilidades, de compreender a persistência do tratamento dado a grande maioria das mulheres que em jornadas duplas e às vezes triplas, dedicam grande parte de seus dias para garantirem as condições possíveis da reprodução de sua família, seja no cotidiano, seja produzindo mercadorias para reproduzi-lo.

Qual o sentido desses últimos parágrafos? Contribuir com categorias muito caras à Geografia, como espaço e lugar, para uma análise que a aproxime do “real”, a divisão sexual do trabalho no espaço privado da reprodução e da produção, objeto sexuado construtor do espaço da vida e do trabalho. É o espaço do trabalho a domicílio um espaço da produção? Será o espaço da reprodução, um lugar? O lar, a casa, ao se constituir fronteira do cotidiano e da produção de mercadorias, é lugar e espaço ao mesmo tempo, dependendo do uso das práticas sociais? Por outro lado, o trabalho doméstico ao se constituir espaço da reprodução da família, é, também, ao mesmo tempo, espaço da produção já que é o lugar que garante a formação da força de trabalho para o trabalho? A “casa” articula múltiplas escalas, múltiplas racionalidades, que ora a aproxima das relações de troca, ora a distancia pelo uso? São essas as novas questões que a pesquisa, com “vida própria”, coloca-nos como desafio.

## REFERÊNCIAS

- 1 - BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistências da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: **Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas,SP: ABEP,NEPO/UNICAMP, Belo Horizonte,MG: CEDEPLAR/UFMG e São Paulo: Editora 34, 2000, p. 13-58.
- 2 - CAPOLARI, Renato e VOLKER, Paulo (orgs). Metodologia de desenvolvimento de Arranjos produtivos locais: **Projeto Promos – Sebrae – BID**: versão 2.0. Brasília, 2004.
- 3 - DESENVOLVIMENTO DO CLUSTER DE MODA ÍNTIMA DA REGIÃO CENTRO-NORTE FLUMINENSE. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: IBRE/ FGV, 2000.
- 4 - LA ROVERE, Renata; HASENCLEVER, Lia; MELO, Luiz Martins de. Dinâmica da inovação na indústria têxtil e de confecções de Nova Friburgo – RJ. In: **Industrialização Descentralizada: Sistemas Industriais Locais**. Brasília: IPEA, 2001, pp.383-415.
- 5 - LAVINAS, Lena; SORJ, Bila; LINHARES, Leila e JORGE, Ângela. Emprego: questões em desenvolvimento. **Documento de discussão 30**, 1998, 44 p.
- 6 - LAVINAS, Lena; SORJ, Bila; LINHARES, Leila e JORGE, Ângela.Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade. **Textos para discussão nº 717**, IPEA, 2000, 48 pp.
- 7 - MAILLAT, Denis. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol. 3, N.4, Mar. 2002, p.9-16.

- 8 - MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In. ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000, p.176-185.
- 9 - MELLO, João B. Ferreira de. Descortinando e (re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.87-101.
- 10 - OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro, Edições do GRAAL, 1977.
- 11 - OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. São Paulo: Editora Brasiliense, Seleções CEBRAP 1, 1975.
- 12 - PAIVA, Alice Rangel e SORJ, Bila. Subcontratação e trabalho a domicílio – a influência do gênero. In: Martins, Heloisa de Souza e Ramalho, José Ricardo. **Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho**. São Paulo: Hucitec:CEDI/NETS, 1994, pp. 62-75.
- 13 - PROJETO “CENSO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DE NOVA FRIBURGO”. **Sumário Executivo**, Instituto de Economia da UFRJ e SEBRAE/RJ, Março de 2004.
- 14 - SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- 15 - SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.